

Crítica a Baker ajuda Brasil

Washington — O ministro da Fazenda do México, Gustavo Petricioli, ao criticar o Plano Baker, praticamente acatou um dos pontos mais polêmicos da política de renegociação da dívida do Brasil, dizendo que o débito de cada país deveria refletir seu valor real, tal como ocorre sempre que os bancos tentam vender seus papéis de crédito para qualquer um.

Os papéis relativos à dívida do Terceiro Mundo, quando negociados no mercado secundário de títulos, costumam registrar uma desvalorização de fato entre metade a um terço do seu valor nominal.

Mas o secretário do Tesouro, James Baker, e representantes dos principais bancos credores, têm combatido a idéia apresentada primeiro pelo Brasil, dizendo que todos os países pobres e endividados devem pagar cada dólar com os devidos juros.

Segundo Petricioli, “não se tem conseguido combinar o serviço da dívida com taxas de crescimento permanentes”. Afirmou a seguir que “em países com populações jovens, forças de trabalho crescentes e elevado desemprego, esta situação é insustentável a médio prazo e intolerável politicamente”.

O ministro da Economia do Equador, Rodrigo Espinosa, que falou na reunião em nome de seu país, Brasil, Colômbia, Haiti, Filipinas e República Dominicana, declarou que “a forte queda das taxas de investimento é incompatível com a necessidade de um crescimento sustentado e reduz a capacidade de pagamento futuro do serviço da dívida”. Acrescentou que “esta situação ameaça a estabilidade política dos países devedores e aprofunda a diferença entre os níveis de vida dos países ricos e dos países pobres”.